

Organização denuncia abusos contra presos

Pressionados pelas autoridades, médicos rompem ética e emitem atestados falsos na Turquia. Em Israel, corte autoriza tortura

Paris — A Anistia Internacional manifestou ontem preocupação com a regulamentação da tortura sob controle médico, citando os exemplos de Israel e Turquia.

Durante seu congresso anual realizado em Paris, a comissão médica da Anistia apresentou um documento intitulado "Ética e tortura", no qual assegura que "nestes dois países, de diferentes maneiras, utiliza-se a assistência médica para encobrir a tortura ou fazê-la tolerável diante da opinião internacional".

Em Israel e na Turquia, "a guerra contra os povos minoritários (palestinos e curdos) justifica esta tortura", destaca o relatório.

Na Turquia, "cem médicos participam da tortura e assinam atestados médicos falsos" pressionados pelas autoridades, destacou

em uma entrevista o doutor Ata Soyer, presidente da Associação Médica da Turquia (TMA).

A Anistia Internacional acusa a Turquia de cometer "massivas violações dos direitos humanos em nome da segurança do Estado" e no mês passado lançou uma campanha mundial contra "as afrontas aos direitos fundamentais" naquele país.

Em Israel, o doutor Ruchana Marton, presidente de uma associação de médicos israelenses e dos territórios palestinos, denunciou a distinção feita pelas autoridades entre "pressões físicas moderadas" e "pressões agravadas", ambas permitidas pelo Estado hebreu em caso de interrogatório de supostos terroristas.

Em sua opinião, "ninguém pode dizer exatamente a diferença entre as duas, pois isto é um segredo de Estado". Os limites entre as duas

classificações foram definidos por um código do Shin Bet, serviço israelense de segurança interna.

No mês passado, a organização denunciou a "prática da tortura sob controle médico" em Israel e manifestou preocupação pelo "aval médico de maus-tratos" a presos, que em sua opinião constitui "uma grave perversão para a ética médica".

A Suprema Corte de Israel permitiu na sexta-feira que policiais continuem torturando um suposto extremista islâmico. Agentes do serviço de segurança israelense, prenderam Atef Abu Sirhan, um palestino que reside na parte árabe de Jerusalém, há 11 dias.

De acordo com investigadores, ele tem informações sobre planos de atentados terroristas. Especula-se que Sirhan seja membro da organização Jihad Islâmica, que se opõe ao processo de paz no Oriente Médio.

O promotor Malhiel Blass, que defende essas ações, revelou que policiais não deixam Sirhan dormir, cobrem sua cabeça com um saco e o obrigam a escutar música bem alta.